

Proletários de todos os Países: UNI-VOS!

GES
PCP**O Militante**

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

PROBLEMAS DE ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO REIVINDICATIVO COMISSÕES DE EMPRESA E COMISSÕES DE INDÚSTRIA

A fome e a miséria estendem-se de norte a sul do país. Os salários mantêm-se longo tempo, sem acompanharem os aumentos dos preços. Muitas cláusulas dos «contratos colectivos», quando favoráveis à classe operária, não são cumpridos. Em algumas indústrias há fábricas que fecham, atirando os trabalhadores para o desemprego, sem qualquer subsídio ou protecção.

O único caminho que se apresenta para melhorar as condições de vida dos trabalhadores é a intensificação da luta dentro de cada empresa e à base de indústria. É assim a situação coloca ante todas as organizações do Partido a tarefa de darem UM NOVO E DECIDIDO IMPULSO AS LUTAS REIVINDICATIVAS.

É certo que as organizações do Partido, duma forma geral, têm sido as dinamizadoras e organizadoras de centenas de lutas que se têm vindo a suceder por todo o país. Mas não basta organizar e dirigir. É necessário organizar e dirigir CORRECTAMENTE.

Em algumas indústrias, prossegue há longos meses uma luta tenaz. Nota-se, entretanto, em alguns casos, que a luta se arrasta em sucessivas diligências junto das entidades corporativas e do governo, sem que às promessas não cumpridas e às respostas vagas e, por vezes, insultuosas, responda uma acção mais energética dos trabalhadores. Desta forma, o patronato reaccionário e o governo fascista ganham tempo, amolecem o espírito combativo das massas e nada fazem para resolver as dificuldades da classe operária.

Uma das razões deste facto reside em INCOMPREENSÕES E DEFICIÊNCIAS DE ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO REIVINDICATIVO. A uma nos queremos referir hoje: A FALTA DE COORDENAÇÃO DA ACÇÃO DAS COMISSÕES GERAIS DE INDÚSTRIA COM A ACÇÃO DAS COMISSÕES DE UNIDADE DAS EMPRESAS.

Em alguns casos, têm-se formado COMISSÕES DE INDÚSTRIA, sem que se formem COMISSÕES DE UNIDADE nas empresas.

As Comissões de Indústria realizam uma actividade muito positiva, apresentam reclamações nos sindicatos nacionais e no INI, dão contas às massas da sua actuação (por circulares escritas, por exemplo). Mas a inexistência de Comissões nas empresas tem várias consequências prejudiciais para o movimento.

A primeira: DEFICIENTE PARTICIPAÇÃO DAS MASSAS NA LUTA. Sem dúvida que os trabalhadores aplaudem a acção da Comissão Geral, fazendo por vezes abaixo-assinados e acompanhando outras vezes dezenas de trabalhadores a Comissão. Isso é contudo manifestamente insuficiente,

Sem Comissões de Unidade nas fábricas, não pode haver uma acção persistente dos operários dentro de cada fábrica, nem concentrações possantes de massas junto dos escritórios e no sindicato, apoiando as reivindicações da Comissão Geral. A participação das massas na luta não tem o vigor, o entusiasmo e a força capazes de levar o patronato e o governo a ceder. As massas não se educam, não se treinam na luta, não se preparam para recorrer a novas formas de luta (pequenas suspensões de trabalho e greve) caso não seja dada satisfação às suas reclamações. E, entretanto a experiência diz-nos que o patronato e o governo têm tanto mais em conta as reclamações operárias, quanto mais amplo e mais massivo é o movimento. A experiência diz-nos que quando, em cada empresa, os operários lutam enérgicamente junto do patrão, acompanhando a acção das Comissões de Indústria, são muitas vezes os patrões que (interessados no rendimento normal das suas fábricas) se dispõem, por vezes contra a opinião do governo, a satisfazer as reclamações dos trabalhadores.

A segunda: ISOLAMENTO DA COMISSÃO GERAL E ENFRAQUECIMENTO DA SUA ACÇÃO.

A ligação das massas com a Comissão Geral, o apoio das massas à Comissão Geral, não pode ser eficazmente estabelecido e realizado senão existindo, dentro de cada empresa, UM ORGANISMO que esteja em contacto diário com as massas, que seja visto por estas como o organismo dirigente da sua luta, que discuta com estas as reivindicações, o curso do movimento, as formas práticas de luta a adoptar. Esse organismo é a Comissão de Unidade da empresa, que deve ser (sempre que possível) escolhido democraticamente. Faltando a Comissão de empresa, as massas não podem acompanhar dia a dia o movimento, não podem apoiar, dia a dia a Comissão Geral de Indústria. Faltando as comissões de empresa, a Comissão Geral (mesmo que estabeleça contacto com as massas pela acção individual dos seus membros ou por circulares impressas) não pode ter o apoio activo das massas.

Daqui resulta a frouxa ligação com os operários da indústria respectiva e, como consequência, a Comissão Geral não tem, ante as entidades junto das quais reclama, toda a autoridade e força que só lhe pode ser dada pelo apoio activo das massas; não tem atrás de si a energia poderosa das massas; não tem o apoio imediato e enérgico das massas contra qualquer represália que seja tomada contra os membros da Comissão Geral.

Esta insuficiente ligação da Comissão Geral com os operários — que só pode efectuar-se através das Comissões de Unidade de empresa —, tem permitido aos fascistas tratar com menos respeito as Comissões gerais e não darem às reclamações o andamento que dariam se vissem atrás da Comissão Geral a acção aguerrida e a firme disposição de vencer dos trabalhadores em todas as empresas.

A terceira: INEFICIÊNCIA PARA MÉTODOS BUCROCRÁTICOS DE LUTA.

Sem o apoio activo e dinâmico das massas, as formas de luta utilizadas pela Comissão Geral são, acima de tudo, representações e reclamações junto dos sindicatos, do INT e do governo. Isto é muito importante e exige da Comissão grande firmeza e abnegação. Mas à falta da mobilização dos trabalhadores dentro de cada empresa, essa acção da Comissão Geral não é apoiada por acções de massas, por concentrações junto da gerência de cada fábrica e nos sindicatos. Cai-se assim frequentemente em reclamações burocráticas; sucedem-se as reclamações da Comissão Geral, sucedem-se as respostas evasivas ou negativas, sem que haja uma viva reacção das massas, ante o mau acolhimento que os dirigentes fascistas de alguns sindicatos e as entidades oficiais dão por vezes às reclamações e à Comissão Geral. Os fascistas, vendo que não se produz uma tal reacção, sentem-se encorajados para tratar desdenhosamente os representantes dos operários, para recusar satisfação as reivindicações, para arrastar a luta, convocando a Comissão Geral para novas e infundáveis reuniões, fazendo promessas sem qualquer ideia de cumprilas, etc.

Vê-se assim a necessidade de aliar à luta da Comissão Geral de Indús-



tria a luta das Comissões de Unidade nas empresas, a necessidade de coordenar a acção da primeira com a acção das segundas.

Em alguns sectores, os nossos camaradas justificam a não formação das Comissões de Unidade pelo receio dos operários ás represálias do patronato. Quando tal receio existe, o papel das organizações do Partido é vencer as incompreensões que ele representa. Se os trabalhadores elegerem as suas comissões para exporem as suas reclamações ao patronato, se apoiarem em massa as suas comissões, os patrões, de um modo geral, nenhunas represálias poderão exercer; porque lhes não coavem a perturbação do funcionamento das suas empresas. E se, quando algum as exercer, os trabalhadores apoiarem em massa os seus representantes, o patronato terá que recuar. Milhares de Comissões de Unidade se têm formado em todo o país. Quando trabalham ligadas ás massas são raríssimos os casos de represálias. Só graves incompreensões podem justificar que se não formem Comissões de Unidade nas empresas.

Uma Comissão Geral de Indústria, para que a sua acção seja bem sucedida, tem de apoiar-se nas massas e as suas delegações têm de ser acompanhadas por acção de massas. A luta junto do sindicato e do INT tem de ser acompanhada pela luta junto do patronato em cada empresa. Isso só se consegue se a Comissão Geral se liga ás massas por intermédio das Comissões de Unidade nas empresas. É mesmo justo dizer-se que A MELHOR FORMA DE ORGANIZAÇÃO É AQUELA EM QUE A COMISSÃO GERAL É COMPOSTA POR DELEGADOS DAS COMISSÕES DE UNIDADE DAS EMPRESAS.

O papel que o nosso Partido tem de desempenhar na presente situação política

PARA um grande número dos nossos camaradas não está ainda claramente definido qual o papel que o nosso Partido deve desempenhar na actual conjuntura política portuguesa, se é apenas um participante como qualquer outro agrupamento político entre as forças de oposição na luta contra o salazarismo ou se, pelo contrário, as suas responsabilidades são maiores; isto é, se como força participante nesse movimento lhe pertence, nas condições presentes e com todo o direito, ser a força orientadora e dirigente do mesmo.

Sabemos que muito se tem dito e escrito sobre o papel dirigente do Partido e o que este e o proletariado devem desempenhar na luta do nosso povo contra o regime fascista de Salazar; mas tudo o que temos feito não tem sido o suficiente para esclarecer bem este problema entre os elementos e simpatizantes do nosso Partido. Assim, muitos dos nossos camaradas continuam a ver o Partido apenas como o dirigente das lutas reivindicativas dos trabalhadores para o aumento dos salários, para o melhoramento da vida, pela luta por mais géneros etc., e não como a principal força política a quem competirá unir e dirigir as forças democráticas contra o regime salazarista.

Esta incompreensão do papel de dirigente político do nosso Partido manifesta-se com toda a clareza, quando os nossos camaradas (além do trabalho de mobilização e direcção das massas trabalhadoras nas suas lutas reivindicativas de carácter económico) procuram levar à prática a realização das tarefas de unidade entre outros sectores da população. Neste segundo caso, os nossos camaradas cutucam-se quase sempre em graves abusos, isto é, como elementos apenas para ouvirem o que os outros dizem e serem dirigidos e não como elementos que apresentem e discutam os seus pontos de vista, para que estes se

jam levados por diante; onde a sua acção se faça sentir como elementos dirigentes e não dirigidos.

Onde devemos ir buscar a origem duma tal incompreensão? Ao facto de para a grande maioria dos nossos camaradas, não estar verdadeiramente claro qual deve ser o papel que o nosso Partido e o proletariado têm de desempenhar no actual momento histórico do povo português, quanto ao seu papel de força política dirigente. Se uma tal compreensão existisse, em todos os elementos do Partido, muitas das vacilações que se têm notado por parte de alguns camaradas nossos, nos organismos de unidade anti-fascista, não se teriam verificado. Por outro lado, muitos mais organismos de unidade estariam constituídos, e a sua composição seria muito melhor, pois teria havido da nossa parte uma luta séria para desmascarar e desalojar os elementos arrivistas, desagregadores e traidores que se têm introduzido no movimento anti-fascista para o enfraquecer. Teríamos sabido colocar nos postos de direcção dos organismos de unidade verdadeiros representantes do povo, que tivessem dado provas concretas na luta contra o salazarismo. Isto teria não só contribuído para depurar o movimento anti-fascista dos elementos maus, mas também para fortalecer as posições do Partido dentro do movimento como força dirigente.

Eis, porque, no momento actual se torna indispensável uma ampla discussão em todo o Partido sobre este problema, onde se assinala com toda a clareza o papel histórico que o Partido e o proletariado têm de desempenhar. Para isso, devemos nos servir de exemplos concretos como sejam: as lutas que o proletariado e as massas camponesas têm empreendido nestes últimos anos contra o salazarismo, que as distanciam em muito dos outros sectores da população; o papel que o nosso Partido tem desempenhado na condução dessas lutas, as suas provas de energia, combatividade e abnegação em defesa da causa do povo; a sua organização que tem sabido resistir a todos os ataques do salazarismo enquanto que as de outros partidos têm sucumbido; o grande número de mártires que o nosso Partido e a classe operária tem dado que não podem ter paralelo com os mártires de outro qualquer partido ou classe, etc.

Todos estes factos se outros não houvessem dão uma autoridade moral ao proletariado e ao seu partido — o Partido Comunista — para serem de direito a força política dirigente no momento histórico que estamos atravessando.

É isto que muitos dos nossos camaradas não sabem ver. Daqui portanto a necessidade de levar a compreender — e quanto antes — a todos os elementos do Partido e ao grosso do proletariado a missão que estes devem desempenhar na presente situação. Quer dizer: o nosso Partido deve esforçar-se por levar o proletariado a impôr-se como força de vanguarda e dirigente e não que este vá a reboque de outras classes ou partidos. O nosso Partido não deve permitir que este posto de vanguarda e de direcção que por direito lhe pertence passe para as mãos de outra qualquer classe ou agrupamento político, porque, em tal caso, o movimento anti-fascista deixaria de ter uma orientação proletária revolucionária, em benefício de todo o povo e da salvaguarda da nossa independência nacional — hoje ameaçada — para passar a ser um movimento apenas em defesa dos interesses estreitos de sectores da burguesia, pequena burguesia e duma série de arrivistas e traidores à causa do povo que esperam utilizar o proletariado só com o objectivo que este lhe venha a tirar as «castanhas do lume para eles as comerem».

Precisamos por isso saber insuflar confiança aos nossos camaradas para que, dentro dos organismos de unidade já existentes e de que fazem parte e de outros que devemos constituir, saibam colocar-se como elementos de vanguarda, defendendo enérgica e consequentemente os seus pontos de vista, assumindo bem o papel que o nosso Partido e o proletariado na luta contra o salazarismo têm desempenhado, sabendo defender com todo o direito o lugar a que temos jus.

Na luta contra o salazarismo são os actos quem contam e não as palavras. E nesta luta ninguém até hoje deu maiores provas com acções concretas do que o proletariado e o seu partido.

É isto que é necessário que todos os nossos camaradas e o grosso do proletariado, compreendam porque só com esta compreensão eles estarão à altura de se saber impôr como força dirigente do movimento anti-fascista. É isto que precisamos fazer-lhes compreender no actual momento.